



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JAMES MACHADO DO NASCIMENTO

**ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE JOGADORES DE
FUTEBOL NO BRASIL**

A large, stylized graphic of a soccer ball, composed of various shades of blue and white geometric shapes, positioned in the lower half of the page.

Rio Claro
2008

JAMES MACHADO DO NASCIMENTO

ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL NO
BRASIL

Orientador: PROF. DR. CARLOS JOSÉ MARTINS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2008

796.334 Nascimento, James Machado do
N244a Análise da formação de jogadores de futebol no Brasil /
James Machado do Nascimento. - Rio Claro : [s.n.], 2008
27 f. : il., fots.

Trabalho de conclusão (bacharelado - Educação física)
– Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências
de Rio Claro

Orientador: Carlos José Martins

1. Futebol. 2. Pés de obra. 3. Centros de treinamento. 4.
Sociedade. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho a Deus e aos meus familiares que me apoiaram durante a graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela saúde e força para enfrentar as dificuldades do dia a dia nesse período da graduação. Agradeço aos meus pais por tamanha paciência no período pré graduação e agora na conclusão do curso, pois certamente sem eles a minha vida não teria sentido e eu não teria chegado até aqui, amo demais os meus “véios”!

Ao meu orientador que com sua enorme paciência me fez chegar a finalização desse trabalho.

Não poderia esquecer os meus familiares que mesmo de longe e no calor infernal de Teresina-PI estiveram torcendo por mim e certamente me esperando para aquela comemoração típica do Nordeste, ai Meu Deus!

Aos meus amigos do Colégio Ceneart em Osasco-SP que como poucos sabem do quanto eu lutei e briguei para chegar aqui, em especial Thiago, Márcio, Renata, Ariana, Emy e a mãe de todos a Dona Emy. E sem falar da Kelly que é uma das minhas amigas que me agüentavam no processo pré vestibular no cursinho durante a semana e nos finais de semana quando iríamos fazer os Simulados, além de me agüentar naquelas longas viagens do cursinho até Osasco, amo você menina!!!

Tenho muito o que falar de uma pessoa que me ajudou muito, o Senhor Aristides Gonçalves da Silva (in memoriam), que foi uma das pessoas que me mostrou qual seria o caminho correto caso não me transformasse em um jogador de futebol, e como eu poderia ajudar uma comunidade em constante transformação, o verdadeiro papel que um cidadão deve ter frente a sociedade, sendo coerente e justo em suas atitudes, e isso teve inicio em meados da década de 90 na Sociedade Esportiva Novo Osasco, uma escolinha carente de futebol da cidade de Osasco- SP, que até hoje existe e lugar acolhedor de jovens aspirantes a craques, de jogadores hoje profissionais e agora de um graduando de Educação Física da UNESP Rio Claro, obrigado por tudo Arizão! Aos integrantes da minha Primeira República, a Abaeté, foi lá que dei meus primeiros passos no quesito como causar e provocar a discórdia, eis os culpados: a Taís, infeliz coincidência é

de Oz também, a Ana, conhecida como vó, o Rafa “Zen” ou Carioca, o Rafa da Geografia, o Willian “Patrão” foi com ele que aprendi a administrar e aquele que era o mais velho da casa e com quem aprendi muito, o Rodrigão, vulgo ciclista e o cara mais disciplinado e estudioso que eu conheci, pessoas que eu amo demais!!!

Ao BLEF 2005 Rio Claro que também me mostrara diversas facetas daquilo que podemos conhecer como pessoas “unidas” e que pensam muito com o coração e não com a razão, e para quem conviveu com essas pessoas sabe do que estou falando, pois são pessoas de lugares diferentes e concepções de vida totalmente diversificada. Eu tenho certeza que seremos eternamente amigos e onde quer que eu esteja levarei comigo em meu coração todas as lembranças boas e ruins dos nossos churrascos, das nossas conversas e discussões. Não posso de deixar de falar do tripé de sustentação ou dos três e mais a minha pessoa que formaria o Quarteto Fantástico, são eles: o Damian, o Gil e o Bulute, sem esses caras a república (Repupunha) nunca seria a mesma, e eles sabem(alias a Unesp toda sabe) o quanto é “difícil” ir para uma balada e ver o Gil causando, e as caras do Bulute e sem falar do Damian se achando o Luca Toni, é muito “difícil”! Além do agregado 2008 Juninho Big Boy, um cara muito louco mas de um coração enorme que conquistou o seu espaço aos poucos e tomou gosto pela Educação Física, o cara até virou técnico do Cascudão! Amo vocês mulecada!!

Para concluir a Atlética Ayrton Senna da Silva, que desde 2006 quando eu resolvi entrar de vez por intermédio do Ilustríssimo Presidente da Liga Interunesp 2008 o “Senhor” Katsumi Sakamoto e do fundador da organização Tiago Favaro de Souza, mais conhecido como Teiú, os meus dias de sossego acabaram!. Mas foram com eles que vivenciei muitas coisas e certamente levarei muitas lições aprendidas, objetivos alcançados e desafios a conquistar frente aos pepinos que sempre apareceram para nós descascarmos, porém em especial devo levar em consideração os membros da Atlética em 2008 que certamente juntos faremos o melhor Interunesp de todos os tempos, mesmo eu tendo que brigar com todos, mas sempre os respeitando e amando todos vocês!!!! Peço desculpas se esqueci de alguém, mas para finalizar meu Muito Obrigado a todos!!!

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	8
2.1 Objetivos.....	8
2.2 Justificativa.....	8
3. REVISÃO DA LITERATURA	
3.1. História do Futebol: Surgimento e chegada no Brasil.....	9
3.2. O processo de formação dos jogadores de futebol.....	11
3.2.1. Capitais Futebolísticos.....	14
3.2.2. A chegada dos centros de treinamento.....	15
3.2.3. Seleção e desenvolvimento dos talentos no futebol.....	16
4. A exportação dos pés de obra e comercialização do produto futebol.....	18
5. O Futebol no Brasil: perspectiva de negócio.....	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

Quando se trata da formação do jogador de futebol, seja no Brasil ou em qualquer lugar do mundo, torna-se imprescindível interrogar o problema em seu amplo espectro que vai do pólo vocacional aos vários desdobramentos do pólo profissionalizante. Do lado vocacional, aparece o tão falado, mas pouco investigado “talento” ou “dom” do jogador. No pólo profissional, concorrem várias instâncias, estruturas, tecnologias, atores e condições.

Os centros de formação estipulam, aferem e manipulam os capitais corporais demandados para a atuação profissional, estabelecidos a partir da relação entre a oferta de dom/ talento e as demandas do mercado que como se sabe, excede as fronteiras nacionais. Para tornar-se jogador de futebol não basta portanto escolher a profissão, é preciso ser escolhido por ela. Trata-se de um processo cujo êxito demanda muitos outros capitais além do talento propriamente futebolístico.

A profissão de futebolista não comporta a atividade autônoma. O futebol é um esporte coletivo e o reconhecimento do público advém com a atuação em times ligados a clubes filiados ao monopólio da FIFA. A carreira é relativamente curta e a reconversão para outra profissão improvável. Tais aspectos caracterizam a imagem que se tem do jogador de futebol que é atravessada por um recorte midiático, e pela publicidade.

É nesse contexto que apresento neste trabalho uma visão dos aspectos de formação dos jogadores de futebol no Brasil, utilizando-me de três modelos que expressam diferentes lógicas que orientam o mercado futebolístico. Trata-se respectivamente do modelo endógeno que é voltado para as demandas do clube formador, do modelo exógeno direcionado ao mercado e visando o lucro utilitário e o modelo híbrido que atende as duas finalidades, conforme a conveniência dos clubes formadores.

Tal abordagem problematizará o processo de formação/produção dos jogadores de futebol interrogando suas condições concretas. Para tanto, analisaremos os diferentes insumos necessários para os Capitais Futebolísticos, e o quanto representa os Centros de Treinamento para a descoberta dos talentos no futebol. Para tanto, inicialmente faremos uma breve contextualização histórica do tema.

2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

2.1 Objetivos

A pesquisa teve como objetivo aprofundar as relações existentes entre todos os dispositivos a que estão sujeitos os jogadores de futebol em formação, além de investigar as condições em que esta se dá, bem como interrogar os diversos desdobramentos estruturais e organizacionais que lhe dão suporte.

2.2 Justificativa

O significativo desenvolvimento do futebol no Brasil e no mundo tanto no ponto de vista de jogadores, comissão técnica, espectadores e amantes do desporto justifica o entendimento de alguns fatores que não aparecem na mídia e tampouco para os estudiosos na área da Educação Física.

O mais popular desporto do Brasil, apesar da sua reconhecida importância, como parte do contexto sócio econômico e cultural dos brasileiros, não tem recebido atenção necessária quando se trata da principal figura do espetáculo, o jogador de futebol.

Em suma, sendo em sua grande maioria provenientes de grupos populares menos favorecidos. Tais jogadores acreditam em uma reconversão financeira imediata, expondo-se aos enormes desafios que o futebol exige dentro e fora de campo. Tal quadro demonstra o peso de que se reveste o futebol como expectativa de ascensão social em um país de contrastes exacerbados como o Brasil, especialmente no tocante a uma ascense mundana calcada na prática corporal e no esforço físico continuado.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 História do Futebol: Surgimento e chegada no Brasil

De acordo com uma versão bastante corrente o futebol fora introduzido no país por representantes da camada da elite. Tal fato configura o futebol como uma prática de distinção social, cujo modelo o caracteriza originalmente apartado do mundo do trabalho, portanto enquadrado como um passatempo obrigatoriamente amadorístico.

Segundo SANTOS NETO (2002), existem indícios que o futebol já era praticado no século XIX por padres e alunos do Colégio São Luís em Itu, interior de São Paulo, por marinheiros britânicos em cidades portuárias brasileiras, em especial no Rio de Janeiro. Além dos funcionários de companhias inglesas, como a São Paulo Railway.

Porém, a versão oficial ainda se perpetua em muitos outros autores que acreditam que o futebol chegou no Brasil introduzido por Charles Miller, filho do engenheiro escocês John Miller e de Carlota Fox, que no ano de 1894 ao retornar do seu período de estudos em Southampton, trouxe consigo materiais próprios desse esporte, tais como bolas, camisas, calções, chuteira e o livro de regras. Deste modo, teve a oportunidade de ensinar e mostrar aos membros do São Paulo Athletic Club a institucionalização e a prática desse esporte.

Por sua vez, no Rio de Janeiro, essa introdução fora realizada por Oscar Cox, um estudante brasileiro, filho de família inglesa abastada que acabara de retornar de seus estudos na Suíça e introduziu a modalidade no Paissandu Athletic Club e mais tarde seria um dos fundadores do Fluminense Foot-Ball Club em 1902.

É válido ressaltar que nesse processo inicial de implantação no Brasil imperava a idéia de que o esporte era coisa de gente educada, civilizada ou pelo

menos devia se conservar assim. Portanto, é compreensível que sua prática, além de sua origem, estivesse recorrentemente associada aos ingleses e aqueles que conviviam com os mesmos. Deste modo, conferindo seu caráter de distinção de classe.

Mas essa prática não ficou restrita aos clubes de origem inglesa, mas se disseminou também para os colégios militares e católicos que também ajudaram a difundir o futebol, no início do século.

Com a progressiva expansão da modalidade, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro começariam a produzir um futebol mais organizado. Isto se verifica através do surgimento dos clubes em São Paulo, e a partir desse momento surge a 1ª Liga de Futebol Amador em 1901. No Rio de Janeiro não fora diferente, já que em 1905 também surge uma Liga constituída por Fluminense, Botafogo, Athletic e Bangu. Essas Ligas surgem com a finalidade de afirmar esse distanciamento claro em relação ao surgimento de outros times, dentre os quais muitos conhecidos como times de várzea.

Por outro lado, a trajetória do futebol brasileiro também deve ser entendida em referência as mudanças estruturais do futebol no plano internacional, que o converteram ao longo do século, de esporte amador em esporte profissional, de prática de elite em espetáculo das massas, de atividade sem fins lucrativos em atividade empresarialmente guiada.

No caso brasileiro, a partir da década de 30, o processo de profissionalização está intimamente relacionada com a redefinição do campo esportivo e das relações entre os diferentes agentes que compõem esse campo, o qual caracteriza-se pela regulamentação do futebol como profissão através da legislação social e trabalhista do governo Vargas (1930-1936). E considerar que os fatores mais diretamente associados à construção do futebol profissional são aqueles que dizem respeito à estruturação de uma oferta e uma demanda por espetáculos esportivos.

Dentre esses fatores podemos destacar o papel que os meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão) desempenharam na popularização dos campeonatos; o lugar que os heróis da bola passaram a ocupar no imaginário

popular, de forma a conceber o futebol como uma expectativa de ascensão profissional e social para adolescentes pobres.

3.2. O processo de formação dos jogadores de futebol

Ouve-se dizer por toda a parte que o Brasil seja um celeiro de craques, com uma quantidade extensa de profissionais altamente qualificados e distribuída pelos grandes centros do futebol internacional. Torna-se necessário salientar a qualidade desses atletas formados no país alheios a questões referentes a quantidade, visto a abundância disponível a ingressar nesse mercado.

O processo de formação é uma etapa que sucede a aquisição de técnicas elementares, não raro realizada à margem das instituições clubísticas. Trata-se de uma tecnologia, constituída no decorrer da espetacularização do futebol, visando converter crianças e adolescentes de reconhecido talento em profissionais performáticos, apreciados por um público muito peculiar, engajado por um sentimento de fidelidade, único e imutável, a agremiações denominadas de clubes.

Segundo DAMO (2005), a formação é constituída por um conjunto de elementos entre os quais destacam-se: os espaços físicos denominados de centro de formação, com seus suportes (albergue, campos de treinamentos e vestiários, entre outros); as técnicas de recrutamento e seleção de talentos precoces, cada vez mais sofisticadas em razão da concorrência; os princípios de organização para o trabalho, articulados a partir dos investimentos econômicos e dos interesses políticos dos clubes ou de empresas; as tecnologias de preparação/treinamento para os jogos e para o exercício da profissão, ajustadas conforme a disponibilidade e as exigências do clube; os especialistas, ex-boleiros e /ou profissionais com diploma universitário; as redes de agenciamentos implicando toda a ordem de indivíduos que gravitam no entorno dos dons/talentos na expectativa de lucrar com os ganhos aos quais alguns deles têm acesso; as normas legais, decorrentes de acordos entre os centros formadores ou impostas a estes pelo Estado, visando disciplinar (ou não) os

procedimentos em relação à tutela de menores; enfim, um extenso leque de elementos que definem procedimentos e demarcam a especificidade desse processo. Articulados a partir de lógicas distintas, tais dispositivos cumprem estrategicamente a função de prover o mercado de “pés-de-obra”¹, atendendo as demandas de times vinculados a clubes.

A esse processo customiza-se em torno de 5000 horas de treinamento, distribuídos ao longo de aproximadamente 10 anos, realizados diretamente no corpo, em rotinas altamente disciplinadas, extenuantes e seguidamente monótonas. Os alvos são adolescentes, boa parte vinda de grupos populares, investidos por representações de masculinidade que os fazem propensos aos desafios que o futebol exige, dentro e fora de campo, especialmente em termos de uma ascese mundana calcada na prática corporal. A carreira começa efetivamente, e por vezes termina, num centro de formação. Uma vez integrados a esses centros, os jovens são solicitados de corpo e alma, e muitas vezes se distanciam de outras modalidades de interação às quais são sujeitos garotos de suas idades, tais como, escolarização, entretenimento, amizades, etc. Não se consegue compreender as razões pelas quais os adolescentes se entregam a incorporação dos capitais futebolísticos, na intensidade e na extensão que ela exige, desconsiderando-se o fato de que eles são induzidos à percepção, desde o ponto de partida, de que são, antes de tudo, vocacionados.²

Para ordenar a diversidade da formação de jogadores de futebol, DAMO (2005) ainda propõe uma tipologia de três modelos assim definidos: endógeno, exógeno e híbrido. Busca-se um entendimento desses modelos quando usados em situações concretas, situados no espaço e tempo, e matizado por outras variáveis, dentre elas as legislações locais, as economias regionais, a estrutura das redes de relações dos mercadores e assim por diante.

Por endógeno compreende-se a lógica de formação realizada por um dado centro especializado, vinculado a um clube, visando suprir suas próprias demandas por profissionais. A lógica endógena pode ser uma estratégia econômica, imbuída

¹ Tal expressão é utilizada por analogia a “mãos de obra”.

² Cf DAMO, A. Do dom a profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores de futebol e na França, p.23-24.

de baratear os custos com a composição do grupo principal de jogadores. Para tanto será preciso existir uma oferta de talentos em quantidade e qualidade que compensem os investimentos, quer dizer, torne mais lucrativo o investimento em jovens talentos do que em profissionais já formados disponíveis no mercado.

A lógica endógena também pode ser uma estratégia política, visando atender as demandas dos torcedores, desejosos de terem atletas vinculados desde tenra idade. O modelo endógeno pode inclusive combinar as estratégias nomeadas, e freqüentemente o faz. Caracteriza-se, sobretudo, pelo fato de que a formação visa suprir as demandas do clube, orientando-se a partir dela. Tal qual as outras lógicas, a endógena está tramada ao conjunto dos indicadores sociais, culturais, jurídicos e econômicos de uma nação ou região, visto o que ocorre em alguns clubes na Europa.

Entende-se por exógeno o processo que ao inverso do endógeno, forma atletas com vistas ao mercado. Trata-se de uma lógica em expansão, especialmente no Brasil e em outros países periféricos, matizada pelas transformações pelas quais passou o futebol de espetáculo a partir do aumento do interesse da mídia e, por extensão, dos valores econômicos em circulação. Embora a circulação de atletas sob contraprestação econômica remonte aos anos 30, pelo menos, a formação exógena irá se constituir deliberadamente entre o final dos anos 80 e início dos anos 90. No Brasil, a sanção da Lei Zico (1992) e da Lei Pelé (2001) diminuíram, gradativamente, o poder dos clubes sobre os atletas, impulsionando a livre negociação da força de trabalho e dos próprios atletas como mercadorias. Outros fatores, como o aumento generalizado dos fluxos transnacionais e a expansão do futebol agenciado pela FIFA no continente asiático, concorreram paralelamente.

Endógena e exógena forma tipificações usadas para diferenciar duas lógicas contrárias, mas não excludentes, razão pela qual foi providencial instituir um modelo intermediário. O modelo híbrido não é a maneira como os dois outros modelos são operacionalizados concretamente, embora a impressão é de que ele seja hegemônico. O modelo híbrido concilia a premissa vocacional (endógena) e a mercadológica (exógena) conforme a conveniência. Os jogadores são produzidos

para atender às demandas dos torcedores, mas se o mercado oportunizar, são vendidos prontamente.

Os clubes da primeira e da segunda divisão brasileira seguem o modelo híbrido, suprindo às demandas do time que representa o clube e produzindo excedentes, com vistas ao mercado europeu.

No modelo híbrido, por definição oportunista, os dirigentes possuem larga margem de manobra, administrando a produção conforme as conveniências do clube e, não raro, as suas.

3.2.1. Capitais Futebolísticos

Segundo DAMO (2005), o conceito de capital futebolístico apresenta-se como modalidade específica de capital exigida dos atletas profissionais, tais como uma constelação de atributos que permitem a alguém inserir-se legitimamente num dado campo social.

Isso nos retrata a dizer que os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação, o que inclui desde o reconhecimento do talento – por agentes autorizados pelos clubes e não por um observador qualquer – até os vínculos com agentes / empresários, passando pela percepção dos limites e possibilidades de movimentação no interior do campo profissional, o que requer a posse de outros capitais, dentre as quais o capital simbólico em primeiro plano.

Em se referindo aos atributos propriamente corporais de um indivíduo, os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e , sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle de bola.

Os capitais futebolísticos não podem ser mensurados, embora sejam alguns atributos físicos que o constituem. São, no entanto, manipuláveis de tal forma que alguns clubes são procurados para atender a demanda de meninos que desejam ser testados.

Em suma o capital futebolístico é um termo forjado para dar conta também a margem de manobra existente entre a oferta de talento e a demanda do mercado de formação e atuação profissional, pressupondo que o volume de capital corporal seja algo determinante. Os capitais futebolísticos são desenvolvidos, embora seja inequívoco que certas predisposições genéticas são necessárias, especialmente ligadas à motricidade.

Os futebolistas são fabricados, e o são conforme as demandas do espetáculo. Existe, portanto, uma correspondência entre as propriedades intrínsecas do jogo, circunscritas pelas regras, e as tecnologias que servem de suporte à produção de sujeitos aptos a executá-las. As propriedades intrínsecas do jogo demandam certos capitais que a formação se encarrega de incorporar aos futebolistas e, em sentido inverso, são os capitais incorporados na formação e, posteriormente, ao longo da preparação e do treinamento, os responsáveis pela dinâmica do jogo propriamente dito.

3.2.2. A chegada dos centros de Treinamento

No Brasil, os Centros de Treinamentos fazem parte de um movimento de modernização dos clubes, iniciado na década de 80. Trata-se de uma tentativa de formar novos jogadores no Brasil, o que revela um alinhamento com os padrões de formação no futebol mundial, padronizando os métodos e técnicas. Estes são elementos da modernização pela qual passa o nosso futebol, e foram proporcionadas por parcerias entre clubes e as empresas. Pode-se pensar esses centros como verdadeiros laboratórios de formação e preparação de atletas, implementando uma nova concepção de futebol competitivo, na qual a preparação física e tática ganha relevo especial.

Os Centros de Treinamento utilizam tecnologias e valorizam conhecimentos científicos e novos profissionais, como preparadores físicos, fisiologistas, supervisores, nutricionistas, psicólogos e outros na formação de atletas.

Segundo RODRIGUES (2003) entre as virtudes dos atletas fabricados nos Centros de Treinamento estão: disciplina, pontualidade, capacidade de adaptação, técnica, preparação física.

A disciplina deve-se em parte ao confinamento do atleta numa estrutura voltada para tal fim, além de seguir uma rigorosa rotina de treinamentos, testes, preparação física e reparações médicas.

As mudanças no futebol implicaram a necessidade de novas pedagogias na formação de atletas e no condicionamento tático. Tais pedagogias proporcionariam, além do adestramento e manutenção do preparo técnico, físico e moral dos jogadores, ciclos mais abstratos e sistematizados de assimilação da técnica, bem como mecanismos capazes de incrementar a capacidade de aprendizagem do atleta.

Entre as inovações que as novas pedagogias possibilitaram estão: gravação de treinamentos, avaliação individual do atleta, cine-vídeo, treinos com paredão metálico, com viseiras, metodologias informacionais, jogos virtuais, e isso implica uma formação mais ampla do atleta, diga-se globalista.

3.2.3 Seleção e desenvolvimento de talentos no futebol

O papel principal nas escolas de futebol está relacionado com o sistema de seleção dos atletas jovens com talento. Ao analisar a participação dos atletas nos jogos olímpicos e em outras grandes competições verificou-se que os que alcançam bons resultados são os que possuem alto nível de desenvolvimento das qualidades morais e psicológicas, os que dominam com perfeição a técnica e a tática, e também os que possuem alto nível de estabilidade dos fatores competitivos.

A capacidade desportiva é o conjunto de particularidades de várias formas (morfológicas e funcionais, entre outras), com as quais estão ligadas as possibilidades de alcançar os resultados no futebol. A questão mais atual é o surgimento, a seu tempo, de crianças e de adolescentes com capacidades; assim como a formação e o desenvolvimento do organismo, as capacidades motora e psicológica diferenciam-se; as diferenças do seu surgimento tornam-se menos interligadas.

A avaliação objetiva das capacidades individuais ocorre na base das observações das crianças e dos adolescentes, assim como não existem nenhum outro critério de aptidão desportiva.

“A seleção desportiva é o sistema de organização metodológica das medidas e também dos métodos de observação pedagógica, sociológica, psicológica e médico-biológica com base no qual revelam-se as aptidões e as capacidades das crianças e dos adolescentes para a especialização em determinado tipo de desporto. O objetivo principal é o estudo total e a revelação das capacidades que devem corresponder em grande escala às exigências de um ou outro tipo de desporto. Alguns especialistas empregam o termo revelação das aptidões desportivas. Por isso entende-se o sistema de determinação dos meios e dos métodos e a avaliação das aptidões e das capacidades do indivíduo, o que é de grande significado para o sucesso na especialidade em questão”.³

A orientação desportiva é o sistema de organização metodológica das medidas, em cuja base determina-se a apropriada especialização desportiva.

³ Cf BARROS, TL & GUERRA, I. Ciência do Futebol. p. 57-58.

4. A exportação dos pés de obra e comercialização do futebol

Os dados sobre o mercado para futebolistas no Brasil são desconhecidos, mas estima-se que existam entre 10 e 15 mil postos de trabalho, muitos deles sazonais e precários. São aproximadamente 500 clubes credenciados às subsidiárias da FIFA, agência que detém o monopólio do futebol de espetáculo, mas apenas um número reduzido, em torno de 20, detêm 90 % da preferência dos torcedores. Esses clubes e alguns poucos mais são os únicos capazes de remunerar satisfatoriamente os futebolistas, uma vez que concentram o apreço dos torcedores e, por extensão, a possibilidade de agregar capital econômico a partir de publicidade nos estádios, do consumo das respectivas marcas e da venda de ingressos, entre outros.

O emprego de profissionais brasileiros em outros países é uma alternativa à reduzida demanda e excessiva oferta de pés-de-obra no Brasil. Parte dos que migram, aventuram-se em países que lhes são completamente estranhos, sendo comuns os casos de jogadores repatriados pelas embaixadas. Muitos migram não apenas pela escassez de oportunidades no futebol, mas também porque lhes falta competência para acessar outras profissões, visto que seus investimentos, até então, concentraram-se numa atividade que não possui reconversão imediata. A migração de futebolistas decorre do prestígio do Brasil no exterior, mas não menos importante é analisar a face sombria do futebol de espetáculo e, particularmente, de seu modelo de formação profissional.

Segundo BORDIEU (1994) são tantas as variáveis que compõem o preço dos jogadores que resulta em fracasso qualquer tentativa de precisá-lo. Entretanto isso ocorre pelo fato de que tanto o futebol de espetáculo quanto os atletas são antes de tudo apreciados como bens simbólicos e, portanto, avessos aos padrões convencionais de cálculo.

Segundo DAMO (2005), o que se dispõe são levantamentos realizados quase sempre pela imprensa especializada, dando conta dos principais fluxos

transnacionais, particularmente do Brasil para o exterior, e do aumento expressivo no preço pago pelos jogadores. As razões que determinaram a escalada dos preços são complexas e só podem ser compreendidas a partir das relações entre os principais mercados consumidores do espetáculo – a Europa Ocidental – e os centros de formação, situados nesses países ou fora deles. Algumas legislações locais, flutuações econômicas e outros elementos exógenos ao campo futebolístico são imprescindíveis de serem considerados, de tal modo a estabelecer os nexos entre o local e o global, pois é certo que o chamado “boom das escolinhas” no Brasil, ocorrido nos anos 80, está intimamente vinculado ao aumento do fluxo de futebolistas brasileiros para o exterior.

Na restrição à livre circulação de atletas ou preferindo uma defesa da moralidade no futebol, impedindo que um atleta defenda, simultaneamente duas agremiações distintas, mas não impedindo que ele mude de agremiação em circunstâncias específicas, o que inclui, quase sempre, uma contraprestação econômica.

Em outros termos a FIFA, permite a mercantilização de atletas, o que gera, por si só, um mercado rentável (e suspeito, em certos casos), mas impõe, muito sutilmente, uma restrição fundada na ordem simbólica, correspondente à mesma ordem de valores que impede os torcedores de trocarem de clube: enquanto você pertence a alguém, não pode pertencer, simultaneamente, a ninguém mais. Esta norma arbitrária visa adequar a circulação de atletas às regras do clubismo, um sistema mais vasto e anterior ao mercado generalizado de pés-de-obra. Também orienta as competições entre seleção que representam os Estado-nações. Nesse caso, interdita-se completamente a circulação de atletas, impedindo que alguém, tendo atuado em jogos oficiais por uma seleção, venha integrar a equipe que representa outra nação.

As restrições impostas ao mercado de pés-de-obra conformam a maneira como circulam as emoções futebolísticas que, por seu turno, reforçam a verossimilhança com determinadas instituições modernas.

A atuação estratégica da FIFA, como corporação multinacional, preserva os interesses do futebol de espetáculo e por extensão, de todos aqueles que se

beneficiam. Também explicita a relação entre o global e o local, pois a configuração da formação de atletas em configurações particulares está integrada e suscetível aos dados dispositivos definidos por agentes e agências distantes do local onde eles estão atuando.

Todos os jogadores de futebol possuem dedicação exclusiva ao clube com o qual possuem vínculo. Atualmente as legislações nacionais dos principais países futebolísticos limitam os contratos a tempo determinado, estando ambos, atletas e clubes, desvinculados desde seu término. Nada impede que os contratos sejam modificados ao longo da sua duração, podendo ser rompidos unilateralmente em casos previstos pelas leis trabalhistas ou conforme as legislações específicas ao estatuto do atleta. Quando um clube assedia um jogador com contrato em vigor, o faz através de uma oferta compensatória ao clube que detém o vínculo.

Em resumo, quando um clube detém um vínculo legal com o atleta, o qual definimos como direito federativo, é como se ele detivesse o vínculo do atleta, isto é, ele se torna mercadoria desse clube/agente.

O ideal para os clubes é que o vínculo seja de longo prazo – 5 anos é o tempo máximo permitido no Brasil, pois isso garante que o atleta só deixará o clube mediante compensação. Quanto mais próximo do final do vínculo estiver o atleta, menores serão as chances de um clube ser compensado, pois nesse caso é suficiente ao clube interessado na contratação do profissional aguardar o término do contrato, o que o dispensa de qualquer contra-prestação econômica.

À maneira do jogo propriamente dito, agentes, atletas e dirigentes de clubes não se limitam a operar no estrito contorno do que sugerem as regras, senão que o fazem partir delas ou, simplesmente, jogado com elas. Daí porque a tão discutida reformulação do estatuto dos atletas, decretando o fim dos contratos por tempo indeterminado, não acabou com o “passe”, que muitos diziam ser um resquício escravagista. O fim dos contratos por tempo indeterminado retirou o poder das mãos dos dirigentes de clubes, que na antiga legislação podiam especular como o vínculo do atleta, e o repassou aos agentes/empresários, quando se pretendia, ingenuamente, que eles ficassem com os próprios futebolistas. Há que se considerar, os valores implicados nas transações, as possibilidades de um mercado

amplo, globalizado, a vulnerabilidade em relação aos juízos do público e dos críticos, a brevidade da carreira e, claro, o volume de capital social e simbólico desses trabalhadores, em geral vindos das classes populares, jovens, com formação escolar precária, muitas vezes cansados pela rotina preparação-jogo e ainda sendo assediados por todos os lados.

A mudança de legislação acarretou, fundamentalmente, um realinhamento do poder sobre os vínculos e, por extensão, sobre os atletas. Perderam alguns dirigentes e, principalmente os mais tradicionais. Lucraram outros, dentre os quais aqueles aparelhados para enfrentar as mudanças na legislação esportiva e nos cenários mais amplos da economia em geral e da economia futebolística em particular.

Olhar para o processo de espetacularização / profissionalização / mercadorização do futebol em diacronia é fundamental para evitar a naturalização do comércio de jogadores. Qualquer que sejam as estratégias de recrutamento adotadas pelos clubes na atualidade, elas tendem a atribuir grande importância ao fator econômico, sem contar o fato de que há normas legais, impostas pela FIFA ou pelo Estado, norteando este mercado. Todavia, seria freqüente no discurso dos agentes do campo futebolístico.

Observando-se os aspectos sociais e culturais do processo histórico, nota-se que as mudanças afetaram o estatuto dos atletas e, portanto, é a própria noção de pessoa que está em jogo.

Os vínculos entre jogadores e clubes deixaram de ser meramente afetivos para ser contratuais, legalizados e remunerados, sendo a gestão do tempo orientada pelos critérios de eficácia e rendimento, tal qual os de uma empresa qualquer do setor produtivo, com a particularidade de que as performances são tidas aqui como bens simbólicos. A tais mudanças corresponderam novas formas de gestão política e econômica do corpo dos atletas. O apreciado fair-play e o dandismo dos tempos do amadorismo, em que os clubes se faziam representar por jovens de alta sociedade, deu lugar às exigências dos torcedores por performances exitosas, visto que o que era entretenimento tornou-se um trabalho competitivo e o corpo passou a ser forjado pelas rotinas de treinamentos.

O futebol tornou-se progressivamente interessante como espetáculo, do contrário não teriam aumentado o número de jogos, de competições, de possibilidades de irradiação, de falções e assim por diante. Tornou-se também mais sério conseqüente e disciplinado, com os contornos de uma atividade mundana durante a maior parte do tempo.

5. O Futebol no Brasil: perspectiva de negócio

No Brasil, o futebol é, efetivamente, como afirma Silva e Votre (2005), um dos grandes eventos, aglutinador de emoções e partícipe da construção do espírito nacional. No mesmo sentido, para Machado (2005), o futebol se faz presente em inúmeras cenas do cotidiano do brasileiro. Em virtude disso, torna-se evidente a pujança que o futebol conquista ao longo de sua história no território do Brasil.

O esporte planetário criou suas raízes no Brasil e transformou-se em um dos principais cartões de visita do país (FÁVERO, 2004). O vigor do futebol como processo social é uma construção histórica. De acordo com Mascarenhas (1998, p. 93-94), a montagem deste amplo cenário é fruto dos processos articulados de formação de uma nação (e toda a sua carga simbólica) e de estruturação de um território em acelerada urbanização. Inicialmente funcionando como apenas mais um modismo importado dos ingleses, prática restrita aos poucos jovens da elite republicana, o futebol se popularizou rapidamente. Sua difusão espacial expressiva permitiu que se tornasse uma poderosa instituição nacional.

Os clubes de futebol dinamizam a vida, principalmente, das grandes cidades. Aqueles imprimem um movimento que supera a antiga monotonia das paisagens diárias. A cidade se movimenta em função dos treinos, dos amistosos, dos jogos de campeonato, de um jogador descoberto, da derrota do outro. “A metrópole, o grande mundo de milhões de indivíduos, se divide pelos vários clubes, e, aos sábados e domingos, às vezes mais, retempera-se na torcida do quadro favorito” (CASTRO, 1962, p. 117).

O futebol no Brasil não interessa apenas às grandes aglomerações humanas, mas, igualmente, aos pequenos núcleos que vão desde as fazendas até as pequenas cidades, sedes de município, lugarejos e outros. Conforme Castro (1962, p. 114), “a capela e o campo de futebol são os seus elementos substanciais. O campo de futebol inverteu a história das povoações. Antes, os lugarejos nasciam em

redor da capela”. No mesmo sentido, Alencar (1970, p. 79) afirma ainda que, “a paisagem das pequenas cidades e vilas sertanejas já não se limitava ao prédio velho da cadeia e a pracinha com a igreja fazendo de zagueiro líbero. Agora o gramado com balisas passaria a integrá-la em definitivo”.

Por conseguinte, a força com que o futebol se projeta no âmbito do vivido do brasileiro se dá também no nível do futebol amador ou não profissional. Vide a enorme quantidade de campos, ou melhor, de espaços destinados à prática de futebol e o grande contingente de indivíduos que jogam bola somente por prazer. Os campos espalham-se tanto pelas cidades como pela zona rural, pela periferia e pelo centro da cidade, em locais voltados especificamente à sua prática ou improvisados. O futebol pode e é praticado em quase todos os lugares, no colégio, na fábrica, no exército, na penitenciária, na rua entre outros.

Para DAMO (2005), a reputação técnica dos brasileiros é certamente um dos motivos da cobiça estrangeira, pois além de serem bons eles são baratos, por isso são levados em quantidade e paralelamente observa-se uma certa população de jogadores sendo formados ou fabricados para uma profissão que não se expande e tampouco prevê reconversão.

Vala ressaltar que o Brasil possui uma oferta de jogadores talentosos muito grande e que o esporte é amplamente disseminado, não havendo assim nenhuma restrição legal, ética ou cultural para manipulá-los devido a total ausência do Estado nesse sentido.

A profissionalização dos futebolistas ocorridas ao longo do século XX, foi paralela a espetacularização do futebol, e portanto a, à constituição de um público engajado. A progressão na quantidade de jogos implicou na consolidação de uma rotina com dedicação exclusiva dos atletas e como contrapartida, remuneração compatível. O aumento do número de jogos por temporada decorre da participação em maior número de competições, inicialmente circunscritas à esfera da cidade (até os anos de 1920), depois ao estado (até o fim dos anos 1960), nacionalizadas nos anos 70 e atualmente podendo incluir o circuito continental para o caso das equipes de ponta.

As exigências em relação aos jogadores de futebol mudaram, como também os seus perfis, isto está implícito quando o vínculo com o clube deixou de ser meramente afetivo para ser contratual, legalizado e remunerado, sendo a gestão do tempo orientada pelos critérios de eficácia e rendimento, tal qual os de uma empresa qualquer do setor produtivo, com a particularidade de que as performances são tidas aqui como bens simbólicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar o Brasil como um celeiro de craques, podemos percorrer um caminho perigoso que certamente nos levará a interpretações errôneas. Devemos deixar o senso comum de lado, especialmente aquele veiculado pelas mídias e investir mais em pesquisa com base empírica e não superficial.

A face oculta da profissão do jogador de futebol fica implícita quando observamos que se trata de uma carreira curta, com um auge precoce, difícil reconversão profissional e com restrições de mercado, sendo que são poucos que conseguem integralizar o ciclo do qual fazem parte.

Ademais, para o entendimento do processo de formação foram trabalhados os três modelos de lógicas existentes (endógeno, exógeno e híbrido), articuladas a partir das estratégias dos centros especializados agregadas ao clubismo hoje existente e observado nos jogos das principais equipes do país.

Já os capitais futebolísticos são uma forma de capital corporal, que pode vir a ser convertido ao longo do exercício profissional, dos quais se destacam os capitais econômicos e sociais. Não obstante disso, os capitais futebolísticos são impossíveis de serem reconvertidos para além do futebol, fazendo com que os investimentos realizados durante o processo de formação se tornem perdidos caso seja interrompido em alguma etapa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. **Flamengo: Força e alegria do povo**. Rio de Janeiro: Conquista: 1970.
- BARROS, TL & GUERRA,I. **Ciência do Futebol**. Barueri: Manole, 2004.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Campinas: Papyrus ,1994.
- CASTRO, S. **O futebol brasileiro: bicampeão do mundo**. Rio de Janeiro: Anuário da Literatura Brasileira, 1962.
- CASTRO, R. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- DAMO, A. **Futebol e identidade social**. Porto Alegre. Editora da Universidade (UFRGS), 2002.
- DAMO, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS/PPGAS, 2005.
- FÁVERO, P. M. **A Geopolítica do Futebol**. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos, 6 Goiânia, 2004.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Coleção Primeiros Passos).
- MACHADO, I. J. **Futebol, clãs e nação**. <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 25 jun 2008
- PRONI, M.W. **A metamorfose do futebol**. Campinas. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.
- RODRIGUES, F.X.F. **A Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 2003.
- SANTOS NETO, J. M. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

James Machado do Nascimento

Orientando

Prof. Dr. Carlos José Martins

Orientador

